

## Apresentação

**Paula Godinho**

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – UNL/ CRIA

p.godinho@fcs.h.unl.pt

### ***Outro país – novos olhares, terrenos clássicos***

No seu estudo clássico sobre grupos étnicos e fronteiras, quando escreve acerca dos nómadas Basseri, Fredrik Barth lembra-nos que *um período de tempo é uma extensão de país*. O tempo que vale em espaço, os locais visitados numa duração longa, por vezes alvo de revisitação, não são novidade nos estudos de antropologia. Este entrelaçamento entre a duração e o espaço é evocado de formas diferenciadas nos quatro artigos deste número da revista on-line *Arquivos da Memória* dedicado a novos olhares sobre Portugal em terrenos clássicos, permitindo divisar as transformações. Em 1973, o sector agrícola português empregava mais de 30% da população activa, enquanto em 2001 este valor rondava os 9%. Como aponta Fernando Oliveira Baptista (1996; 2004), depois da plenitude demográfica atingida nos anos '50, sem alteração das técnicas de cultivo, restou a essa ruralidade, que se rarefez de gente nas duas décadas seguintes, a possibilidade de se adequar às novas situações, maximizando os recursos e minimizando as complicações advindas da mudança rápida, enquadrando as memórias, recriando-as ou resguardando-as. Se a noção de património na sociedade rural portuguesa anterior aos grandes fluxos migratórios foi frequentemente articulada com os bens e saberes de uma *casa*, passou a associar-se àquilo um grupo humano transmite aos vindouros, recuperado à rotina e ao eventual eclipse, sendo dilatada para um considerável conjunto de temas, grupos, tempos e espaços. A conversão em património e o reinvestimento desta noção remete actualmente para uma realidade abrangente, com objectos de uso corrente e outros mais singulares, com formatos eruditos e populares, materiais e imateriais, entre a Natureza e a Cultura.

Três dos artigos deste número abordam sociedades rurais em mudança, num dos casos denominada pelo autor «pós-rural», e um quarto centra-se em museus, *lugares de memória* quando se perderam os *meios de memória*, como apontava Pierre Nora (1986). Luís Silva aborda “*um quadro pós-rural*”, através dum estudo de caso centrado em Monsaraz, com um conjunto de transformações sociais, económicas e demográficas que se

reencontram noutras zonas periféricas do país: a queda demográfica, um rural não agrícola e um incremento do turismo. Tal significa que a desruralização do país e a desagrarização dos campos abriram caminho a uma febre patrimonial e de turistificação do mundo rural, agora configurado em função do urbano, frequentemente através de forças externas “*que promovem e financiam a multifuncionalidade dos campos e, inclusivamente, as actividades produtivas de quem neles habita*”. O autor analisa o processo de desruralização português e as estratégias de desenvolvimento local em meio rural, quer de iniciativa central, quer local, que passam pelo aproveitamento do potencial agrícola dos campos, a patrimonialização dos seus recursos endógenos e o desenvolvimento da actividade turística.

No artigo de Marta Anico o fulcro é o poder, a produção, a representação e o consumo cultural, com a problemática central do seu texto a assentar na análise do modo como os museus – instituições em que se deposita, trata e mostra a memória – respondem às transformações operadas em sociedades imersas em processos de reconfiguração rápida. O desaparecimento e a transformação do uso dos objectos, das práticas e dos saberes dos quotidianos das populações contribuíram para um crescendo de importância das questões patrimoniais, adicionando novos conteúdos à palavra «património». Os museus tornaram-se objecto de críticas em relação aos modelos científicos em que baseiam os seus discursos, às modalidades de representação cultural, às ligações ao colonialismo e aos poderes hegemónicos, excluindo os grupos sociais subalternos e minoritários. Por outro lado, são alvo de pressões exercidas pelo avanço e substituição rápida das tecnologias de comunicação e pela necessidade de se adaptarem às características de populações diversas, em mudança e de grande mobilidade. Como recursos fundamentais para as identificações locais, a autora interroga o futuro dos museus na “*redefinição e reinvenção de lugares social e economicamente deprimidos, a escassa repercussão externa de muitos destes museus, bem como a ausência de ligação das gerações mais novas e das populações mais recentes nos territórios em relação às colecções apresentadas*”. A sua análise da situação, a partir de duas instituições museológicas dum concelho da periferia da cidade de Lisboa, com uma desruralização tardia mas acelerada, a que se seguiu uma industrialização hoje desvitalizada, mostra-nos uma combinação de fluxos migratórios nacionais e internacionais na actualidade, sob a área de influência da cidade de Lisboa.

Doutras periferias nos falam dois dos artigos. As fronteiras, que constituem zonas marginais de contacto entre Estados, são também

zonas de contacto entre populações, que partilham uma rede social e uma vivência ligada àquele espaço. Esta orla, com redes sociais transfronteiriças, subverte frequentemente a lógica estatal das fronteiras, que visam delimitar um *povo*, uma *cultura*, determinadas leis, direitos e deveres. Manuel Teles Grilo, que desenvolveu um trabalho de campo em equipa num conjunto de aldeias da raia norte, pretende caracterizar uma área dessa fronteira em dois momentos distintos: na actualidade e nos primeiros anos da ditadura franquista em Espanha. Nas memórias recolhidas, o passado é visto como um tempo pujante. Ainda que os quadros sociais destas memórias, na linha de Maurice Halwachs, se tenham alterado indelevelmente, com a modificação das cadeias relacionais em que se formaram e foram reconhecidas como memórias do grupo, esse aparelho memorial ainda serve para interpretar e classificar o mundo, constituindo-se como uma referência identitária. As redes sociais anteriores ao processo de desarticulação agrária acelerada, que alterou os modos de vida de ambos os lados da fronteira, ditando o afastamento, são reinterpretadas no tempo presente. Agora, as formas puídas das relações sociais parecem não propor alternativas capazes de estancarem os processos de desertificação deste contexto. O fenómeno da prostituição transfronteiriça (que é também abordado neste número através da recensão duma obra recente) torna-se uma das demonstrações da disponibilidade da fronteira para novas apropriações, com os jovens que permanecem no mundo rural sem perspectivas de casamento nem de saída a percorrerem regularmente um trajecto pelas casas de alterne da zona.

Também Eduardo Araújo toma a fronteira norte como terreno. Interessasse neste texto pelo cruzamento entre os Estados e as populações na fronteira, os seus entrecimentos e choques em três aldeias do concelho de Vinhais, na fronteira norte de Portugal, utilizando as memórias socialmente partilhadas e a pesquisa histórica para esboçar as intenções e as acções dos Estados em situações como o contrabando, as migrações laborais e os movimentos de refugiados e guerrilheiros da Guerra Civil de Espanha. Se os membros dos grupos sociais dominantes pretendem capitalizar certos elementos de cultura particulares, através de eventos como a ‘Feira do Fumeiro Tradicional’, a ‘Rota do Contrabando em BTT’, ou os circuitos turísticos pela raia, os outros vizinhos recorrem à valorização dos aspectos positivos dum passado de sofrimento e atravessado por tragédias, entendido sobretudo como negativo. Considera Eduardo Araújo que é nestes fenómenos que hoje as identidades se sustentam, num presente de crise demográfica e etária, no qual a

patrimonialização e o apelo ao turismo parecem dar poucas esperanças para o futuro.

Os usos sociais da memória, os hábitos herdados e as acções explicáveis por conjunturas determinadas edificam o presente de que parte e a que chega o olhar dos antropólogos; como aponta Alban Bensa (2006), a tarefa da antropologia é estudar a fórmula, sem esquecer que, como um vinho guardado, não para de se modificar ao longo do tempo. Se Luís Silva pode afirmar quanto a Monsaraz, que “*Estamos perante espaços cada vez mais visitados, é certo, mas menos habitados*”, já no caso dos estudos sobre a fronteira norte a turistificação parece uma possibilidade menos consistente, coexistindo algumas casas ditas de turismo rural com a partida pendular ou sazonal de carrinhas que continuam a sangrar para as cidades espanholas a escassa população jovem que aí existe. Delas temos notícia em trágicos acidentes que enchem os noticiários. A construção do património está cada vez mais associada ao mercado, mais que as razões de ordem identitária, existindo tentativas e programas associados a uma indústria do património, convertendo-se o rural num destino a que se exige a *produção da diferença*. Como lembram Luc Boltanski e Ève Chiapello (1999), o capitalismo na sua fase mais recente procedeu a uma *mercantilização da diferença*, endogenizando a intensa procura de diferenciação e de desmassificação, com a penetração em domínios como o turismo, as actividades culturais, os serviços pessoais, o lazer, que tinham estado ao abrigo da grande circulação mercantil. Como antropólogos somos hoje confrontados com o *campo social intrincado que o mercado unifica* (Bazin e Selim, 2006), que nos apela a ultrapassar o nível micro das singularidades locais através duma abordagem dos processos e dos níveis macro. É esse o novo olhar que interpela campos mais clássicos.

## BIBLIOGRAFIA

BAPTISTA, Fernando Oliveira (1996) “Declínio de um tempo longo”, in Joaquim Pais de Brito *et al.*, *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, Instituto Português de Museus/Ministério da Cultura, p. 33-75.

BAPTISTA, Fernando Oliveira (2004) “Espanha e Portugal: um século de questão agrária”, in Dulce Freire, Inês Fonseca e Paula Godinho (coord.) *Mundo Rural – Transformação e Resistência na Península Ibérica (Séc. XX)*, Lisboa, Colibri, pp. 15-54.

BARTH, Fredrik, ed. (1969) *Ethnic groups and Boundaries – The Social Organizations of Cultural Differences* MacDonald, Boston, Little, Brown and Co

BENSA, Alban (2006) *La fin des exotismes - Essais d'anthropologie critique*, Toulouse, Anarcharsis.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Éve (1999) *Le nouvel esprit du capitalism*, Paris, Gallimard.

NORA, Pierre, dir. (1986) *Les Lieux de Mémoire*, Paris, Gallimard.